

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO AMERICANOS SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO

A Feira do Balacobaco

Protagonismo, identidade e cidadania

Pamela Silveira Suguita

Novembro de 2015

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, sob orientação da Prof^a. Dr^a Fabiana Felix do Amaral e Silva.

FEIRA DO BALACOBACO: PROTAGONISMO, IDENTIDADE E CIDADANIA¹

Pamela Silveira Suguita²

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo investigar a Feira do Balacobaco, realizada mensalmente no Bairro dos Souzas, localizado no município de Monteiro Lobato – SP, como acontecimento que possibilita o exercício da cidadania por parte da comunidade. As festas evidenciam e reforçam a identidade cultural da comunidade que a realiza, uma vez que ela se torna protagonista do evento. A Feira do Balacobaco é organizada coletivamente pelos moradores do bairro e no trabalho de campo foi realizada observação participativa e entrevistas com os organizadores, artistas e demais moradores. O trabalho também mostrou a ressignificação de um espaço público a partir da realização da festa.

Palavras-chave: Feira do Balacobaco, Festa, Identidade Cultural, Bairro dos Souzas, Monteiro Lobato, Cultura Popular.

ABSTRACT

This study aims to investigate the Feira do Balacobaco held monthly in Quarter Souzas, located in the city of Monteiro Lobato - SP, as an event that allows the exercise of citizenship on the part of the neighborhood community. The festivals reveal and reinforce the cultural identity of the community that holds, since it becomes protagonist of the event. The Feira do Balacobaco is organized collectively by the residents of the neighborhood and the fieldwork was conducted participant observation and interviews with organizers, artisans and other residents. The work also shows the redefinition of a public space from the day of celebration.

Key words: Feira do Balacobaco, Party, Cultural Identity, Quarter Souzas, Monteiro Lobato, Popular Culture.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo investigar la Feria Balacobaco celebra mensualmente en Bairro dos Souzas, situado en la ciudad de Monteiro Lobato - SP, como un evento que permite el ejercicio de la ciudadanía por parte de la comunidad de vecinos. Los festivales revelan y refuerzan la identidad cultural

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos.

² Pós graduada em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos pelo CELACC e graduada em Comunicação Social – Relações Públicas pela Unesp.

de la comunidad que se mantiene, ya que se convierte en protagonista del evento. La Feria Balacobaco está organizada colectivamente por los vecinos del barrio y el trabajo de campo se llevó a cabo la observación participante y las entrevistas con los organizadores, artesanos y otros residentes. El trabajo muestra también la redefinición de un espacio público desde el día de celebración.

Palabras clave: Feria Balacobaco, Fiesta, identidad cultural, Bairro dos Souzas, Monteiro Lobato, Cultura Popular.

1. Introdução

As festas estão presentes na vida do homem há cerca de dez mil anos. Desde o princípio, elas celebram a relação do homem com a natureza, seja para celebrar a colheita, a fertilidade, santos religiosos ou sejam elas profanas.

O presente trabalho busca compreender a dinâmica dos moradores do Bairro dos Souzas, localizado no município de Monteiro Lobato, com a realização da Feira do Balacobaco, que acontece desde dezembro de 2012. De maneira coletiva e solidária, a Feira acontece mensalmente e este estudo também visa provar que o acontecimento é um modo dos moradores exercerem a cidadania ao serem protagonistas do acontecimento.

Cidadania, que segundo o Departamento de Direitos Humanos e Cidadania do Paraná, é:

(...) ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei: ter direitos civis. É também participar no destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos. Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participação do indivíduo na riqueza coletiva: o direito à educação, ao trabalho justo, à saúde, a uma velhice tranqüila.³

A principal referência metodológica para aplicação no trabalho foi Maria Nazareth Ferreira, com a obra “Comunicação, resistência e cidadania: as festas populares”, tanto na teoria, quanto na pesquisa prática.

Segundo Ferreira (2009), o atual processo neoliberal ignora as economias de pequeno porte para privilegiar a exportação. Consequentemente, as pequenas comunidades têm um olhar menos atento do poder público.

³ Site do Departamento de Direitos Humanos e Cidadania do Paraná. Disponível em: <http://www.dedihc.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=8>

Quando a manifestação do fenômeno - no caso, a festa - acontece devido a uma necessidade detectada pela população e ela se organiza para exercer seus direitos civis de igualdade e direito à expressão, a cidadania está em evidência.

Para explorar a importância da festa e entendê-la como manifestação que evidencia e reforça a identidade cultural, no segundo tópico será estudada a espacialidade na realização das festas populares. Com base nas pesquisadoras Alice Itani e Maria Nazareth Ferreira será traçado um panorama das festas para compreender a relação delas com o tempo e o espaço de uma comunidade. O espaço onde ocorre a festa passa por um processo de resignificação, alterando a percepção do tempo durante o período da festa e criando novo vínculo da comunidade com a natureza.

O terceiro item trata das festas como aspecto da identidade cultural e exercício da cidadania das classes subalternas. Uma breve revisão teórica sobre os conceitos de hegemonia e intelectuais orgânicos de Gramsci e Canclini embasam a questão das festas como meio das classes subalternas exercerem a cidadania na sua organização de maneira orgânica. As festas “também são utilizadas para construir uma unidade e (re) significar a identidade de grupos subalternizados historicamente” (BEZERRA, 2008, p. 9).

A metodologia utilizada para a coleta de dados e pesquisa de campo deste trabalho será descrita no início do último tópico. O método dialético predominou durante todo o trabalho, na medida em que a pesquisa teve enfoque qualitativo e de constante questionamento sobre os dados obtidos, tendo como base a teoria previamente estudada.

Os dados coletados durante a pesquisa de campo foram descritos e analisados no último capítulo do trabalho. Organizadores, artistas, moradores e pessoas envolvidas indiretamente com a realização da Feira do Balacobaco foram entrevistados para buscar comprovar a hipótese do trabalho. Além disso, houve também observação participativa para coleta de informações sobre a Feira e posterior análise.

2. ESPACIALIDADE NA REALIZAÇÃO DAS FESTAS POPULARES

As festas existem há mais de dez mil anos. Segundo Itani (2003), elas sempre estiveram ligadas à relação do homem com o espaço, o tempo e com

sua vontade de dominar os mistérios da natureza. Elas são como um marco para atribuir ordem aos acontecimentos, como a passagem de ano e as datas comemorativas de santos religiosos.

Desde suas primeiras manifestações, as festas marcaram símbolos primitivos, como a fertilidade, fenômenos astronômicos, rituais sagrados, estações do ano e colheitas agrícolas. Com relação a este último símbolo, elas tinham caráter de comemoração dos frutos do trabalho, distinguindo as diferentes atividades no tempo agrícola. Além disso, as festas têm o papel de núcleo aglutinador das sociedades (ITANI, 2003).

A autora ainda destaca que as festas nas pequenas comunidades e aldeias que sobrevivem da agricultura, por exemplo, asseguram tempo de sacralização, com o objetivo de preparar a integração da comunidade a um “ente transcendente”.

A festa em si é uma ação de simbolização, na qual é representado um evento ou uma figura revestida de importância para a coletividade festeira. Nela se incluem tanto os ritos, as celebrações sagradas ou religiosas, como as comemorações políticas, eventos realizados com danças, músicas, brincadeiras, comida e jogos. Compreender a festa requer, nesse sentido, ver e sentir as representações e imagens materiais e mentais que a envolvem (ITANI, 2003, p. 13).

As festas legitimam um período de comemoração e delimitam o tempo do trabalho do “não trabalho”. Itani ressalta que uma festividade é um costume que emerge da prática coletiva, como uma reapropriação do seu próprio tempo e ressignificação do espaço onde ela ocorre.

Historicamente, no período feudal, as festas não religiosas eram proibidas, numa tentativa da Igreja Católica de se apropriar do tempo e espaços para inserir e substituir os eventos pagãos pelos religiosos. Mesmo com as proibições, muitas festas se mantiveram e, desse modo, festejar também passou a significar resistir coletivamente para a preservação da história, memória e das práticas pertencentes a certo grupo social (Idem, p. 14).

Ferreira (2006) destaca que antes da invenção dos meios de comunicação, as festas constituíam a mais importante atividade pública,

funcionando como autênticos sistemas de comunicação da comunidade entre seus visitantes, sendo afirmação da identidade coletiva.

Além de serem sistemas de comunicação e afirmação da identidade, as festas também são criações legítimas e retóricas do homem, o que as torna fato político, conforme Itani (2003). A festa sob o ponto de vista político é também uma maneira de assegurar a memória coletiva, os costumes e é o cidadão exercendo seu direito de forma ativa.

No espaço onde acontecem as festas é que os grupos sociais exprimem o que pensam, como é sua forma de organização e a relação da comunidade com aquele espaço, que acaba sendo de apropriação. “O lugar da festa, seja na rua seja nas casas ou nas praças, passa a ser o território do lúdico, do alegórico, e por intermédio desse rito coletivo torna público o domínio do espaço, soleniza a passagem do tempo e celebra a memória” (ITANI, 2003, p. 47).

Em detrimento disto, os espaços públicos se tornam locais privilegiados com o acontecimento das festas, como ressalta Bezerra (2008). Eles passam por um “embelezamento” na época do acontecimento da festa e são alvos de um olhar sob nova perspectiva por parte da comunidade. A noção de tempo ligada às festas refere-se à mudança da percepção do presente, empurrando o indivíduo à evasão da realidade banal para o acontecimento. Por um lado esta fuga momentânea dá força e independência criativa para que se enfrentem as batalhas cotidianas (LANTERNARI, 1989 apud FERREIRA, 2006).

3. AS FESTAS COMO REFORÇO DA IDENTIDADE CULTURAL E EXERCÍCIO DA CIDADANIA DAS CLASSES SUBALTERNAS

3.1 As classes subalternas na contra-hegemonia

Segundo Schlesener (2007), no Estado Liberal as classes dominantes exercem sua hegemonia por meio de um longo processo, no qual submetem as classes subalternas e impõem seus valores, princípios e costumes, fazendo com que os aceitem em um consenso passivo e adequem essas vivências como suas.

Também Canclini (1988) converge para o sentido de hegemonia como a direção política e ideológica da classe dominante em aliança com outras classes, abrindo espaço para que os grupos subalternos tenham práticas

independentes e nem sempre funcionais para a reprodução do sistema. Ele também contraria o pensamento de culturas populares como sinônimos de tradição, uma vez que reafirma a ideia de que sua “idade de ouro” ficou no passado e empobrece as suas mudanças e o que ocorre no presente.

Este pensamento de aliar a cultura popular como tradição culmina no atual como simples curiosidade. Os meios de comunicação evidenciam e selecionam apenas o “produto” (dança, música, “folclore”) que melhor se adapta à estética ocidental, ignorando o rico processo de concepção.

Canclini, com enfoque em Bourdieu, explica que o consenso acontece se quatro condições são cumpridas: o âmbito social definido pela classe hegemônica seja aceitado pelas classes subalternas como campo de luta; que a lógica desta luta seja a apropriação distinta para cada classe do que a sociedade produz como capital material e simbólico; as classes subalternas partam com uma desvantagem insuperável de capital econômico e cultural e que esta desvantagem seja ocultada.

O autor ainda alerta que os atos transgressores não anulam o contexto. As experiências ocasionais, o uso alternativo dos espaços e recursos não anula o enorme peso dos hábitos que são reproduzidos diariamente na ordem estabelecida. Neste trabalho não serão analisados os hábitos da comunidade, mas é importante ressaltar sua interiorização desde o nascimento, pois influencia os depoimentos coletados na pesquisa de campo.

Na contra-hegemonia existem os “intelectuais orgânicos”, conceituados por Gramsci como aqueles que fazem parte de um organismo vivo e em expansão. Eles estão conectados ao mundo do trabalho, às organizações políticas e culturais desenvolvidas por seu grupo social (SEMERARO, 2006).

Então, são orgânicos os intelectuais que, além de especialistas na sua profissão, que os vincula profundamente ao modo de produção do seu tempo, elaboram uma concepção ético-política que os habilita a exercer funções culturais, educativas e organizativas para assegurar a hegemonia social e o domínio estatal da classe que representam (GRAMSCI, 1975, p. 1581 apud SEMERARO, 2006, p. 378).

Os intelectuais orgânicos exercem papel de conquista da hegemonia de sua classe, devendo ser construtor, organizador e educador permanente. Para

Gramsci, política, economia, cultura e filosofia são partes orgânicas e inseparáveis da mesma realidade.

Outro aspecto citado por Semeraro (2006), em Gramsci, é que os intelectuais orgânicos às classes populares caracterizam-se pela democratização do poder e expansão dos direitos. Eles estão garantidos de que todos têm capacidade de agir, pensar e elaborar conhecimentos, acumular experiências e ter um ponto de vista próprio. Na contra-hegemonia da classe dominante, o intelectual orgânico tem a função de estimular a classe subalterna a refletir para que sua participação passe do grau quantitativo (trabalho operacional) para o qualitativo.

3.2 Identidade e cidadania na realização das festas

Ao promover uma relação de certa comunidade com o tempo e o espaço, as festas também evidenciam a identidade cultural.

As identidades locais, segundo Hall (2011) atualmente seguem a lógica da globalização e duas das consequências são: a relativização pela compressão do tempo e do espaço e o reforçamento das identidades locais.

(...) a globalização tem, *sim*, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e “fechadas” de uma cultura nacional. Ela tem efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas. Entretanto, seu efeito geral permanece contraditório. Algumas identidades gravitam ao redor daquilo que Robins chama de “Tradição”, tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas. Outras aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, assim, é improvável que elas sejam outra vez unitárias ou “puras”; e essas, conseqüentemente, gravitam ao redor daquilo que Robins (seguindo Homi Bhabha) chama de “Tradução” (HALL, 2003, p. 87 e 88).

Relacionando a conclusão acima de Hall sobre as identidades nacionais na globalização com a realização das festas, Ferreira (2006) afirma que são momentos de afirmação da identidade coletiva, como visto no capítulo anterior. Ela ainda diz que fazer festa é olhar-se no espelho procurando pela sua identidade, para reencontrar suas garantias histórico-culturais, e que esta ação

de resgatar a identidade é fundamental para recuperar um equilíbrio que pode estar ameaçado.

Thompson (1998) citado por Itani (2003) afirma que os povos mantêm suas festividades como consciência de seus direitos e usos costumeiros, por isso, elas subsistem como parte do processo de transformação das sociedades, com bases em suas relações de produção e de seu processo de criação diante das condições novas que enfrentam, tanto religiosas como econômicas e climáticas. Ou seja, as festas refletem a garantia dos direitos que uma comunidade tem de reafirmar sua identidade. As transformações pelas quais elas passam legitimam seu caráter local e identitário.

Itani afirma ainda que as festas veiculam imagens coletivas, não se constituindo em formulações abstratas dos significados nem na busca deles. Elas estão associadas às realidades materiais e sociais da vida e do trabalho. “No entanto, as festas não derivam simplesmente dessas realidades; elas fornecem o contexto, preservando a necessidade da ação e da expressão coletivas, de sentimentos e emoções” (p. 39).

Os protagonistas da festa exercem papel cidadão e enfrentam diversas dificuldades, como a sobrevivência ao processo neoliberal e impacto das mídias, aculturação e proibições. Tudo isso reafirma a força propulsora dos processos e como instrumento de comunicação (FERREIRA, 2006, p. 24).

A experiência de se colocar diante do espelho, como diz Ferreira, é conflitiva, uma vez que significa incorporar novos valores aos tradicionais. Apesar disso, a experiência é salutar para o enriquecimento da identidade cultural ao demonstrar o caráter cumulativo na construção da cultura. Esta experiência confirma o que Canclini diz sobre a questão da cultura popular como tradicional ser uma visão prejudicial aos processos do “produto” final.

Nas festas, o homem evidencia o acúmulo das experiências cotidianas numa reafirmação e fortalecimento da identidade. É uma resposta aos processos midiáticos que forçam suas investidas e, conseqüentemente, pode acarretar no turismo predatório e sem conscientização. As pequenas comunidades estão mais vulneráveis a este tipo de turismo. “É em defesa de outra forma de turismo – o turismo cultural – que uma proposição para o estudo científico das atividades festivas das classes subalternas tem sentido” (FERREIRA, 2006, p. 66).

4. A FEIRA DO BALACOBACO COMO EXERCÍCIO DA CIDADANIA

Para a pesquisa sobre a Feira do Balacobaco foi realizada uma pesquisa de campo qualitativa em três ocorrências da Feira e com os organizadores e alguns moradores do Bairro dos Souzas.

Os depoimentos dos entrevistados tiveram como objetivo identificar qual o processo de construção e organização da Feira do Balacobaco, se a comunidade se identifica com o acontecimento e participa de todas as suas etapas de realização.

Para qualquer análise de fenômeno festivo, que busque compreender sua estrutura, função e significado, Ferreira (2005) diz que é preciso de dois componentes básicos:

- 1) o sentimento da festa; o que faz com que a festa exprima uma atmosfera intensamente participativa, densa de conotação simbólica e mítica, desenvolvendo uma função imediata e coletivamente catártica;
- 2) a institucionalização da festa; cada festa comporta uma organização comunitária e uma regulamentarização da parte do grupo festivo, que é mais ou menos amplo ou complexo. Neste componente organizacional, ao lado do elemento organizativo-comunitário entra o quadro de referência ideológico anteposto à festa e que, segundo o caso, se refere a um mito de origem ritual ou simbolicamente reatualizado, à lenda de fundamentação de um culto; à imagem de um santo cristão; à um momento crítico da existência ou a um evento histórico, social ou político, que deve ser comemorado e re-evocado, para renovar o impulso de vencer os percalços da cotidianidade através do fenômeno festivo (p. 23 e 24).

Como a pesquisa realizada tem enfoque qualitativo, após um estudo teórico para embasar a interpretação dos resultados, foram realizadas entrevistas com os participantes e organizadores. O método dialético de questionar e negar as descobertas constantemente para se chegar a uma síntese foi aplicado durante todo o trabalho.

4.1 O Bairro dos Souzas

O Bairro dos Souzas está localizado no município de Monteiro Lobato, interior do estado de São Paulo. Com cerca de 4 mil habitantes, a economia da cidade gira basicamente em torno do comércio e do trabalho no campo. O

Bairro está localizado na zona rural da cidade e a maioria de seus habitantes é natural de Monteiro Lobato.

Em sua origem, em meados de 1853, a cidade era conhecida como Aldeia do Buquira e surgiu a partir da doação de sesmeiros católicos, sob invocação de santos religiosos. A primeira providência no terreno doado era construir uma capela, em cujo entorno seriam levantadas as casas. Este é o caso do Bairro dos Souzas, que tem em sua praça principal a Capela Santa Rita de Cássia, onde acontecem os eventos religiosos com o nome da santa e a Feira do Balacobaco.

Além disso, devido à sua característica de local isolado do ambiente urbano, o bairro tem atraído nos últimos anos cada vez mais pessoas de cidades maiores que buscam por uma vida menos agitada e melhor qualidade de vida.



Praça central do Bairro dos Souzas - rua que fica interditada para realização da Feira do Balacobaco

É neste contexto que, em dezembro de 2012, a Feira do Balacobaco foi criada por moradoras do Bairro dos Souzas, que, em sua concepção, realizaram a primeira Feira com o objetivo de ser um bazar de Natal entre os moradores do bairro. Em vista da grande participação do público e com o desejo de ocupar a praça central do bairro, as moradoras deram continuidade à organização da Feira, que desde então acontece todo segundo domingo do

mês e conta com uma programação realizada voluntariamente pelos artistas convidados e pelos moradores do bairro.

4.2 A Feira do Balacobaco da concepção à realização: análise do fenômeno

Segundo Ferreira (2006), as festas populares são “opções alternativas para incrementar as economias locais de pequenas cidades marginalizadas pelo processo neoliberal, cuja natureza é privilegiar a produção para exportação, ignorando as economias de pequeno porte”. Regionalmente, o município de Monteiro Lobato é conhecido pelas manifestações de cultura popular e festas que atraem turistas e moradores de cidades próximas. Por não estar assiduamente inserido no modelo de economia industrial, tem potencial de atrair o público e girar sua economia com as festas locais.

A Feira do Balacobaco é um fenômeno recente, que está em fase de consolidação e estabelecimento de processos para sua realização. A Feira conta com quatro organizadoras ativas, Vanessa de Abreu, Adriana Mudat, Juliane Prado e Lelis Toledo, mas há uma movimentação entre os moradores que podem colaborar com o que está ao seu alcance.

O evento ocorre todo segundo domingo do mês, das 10h às 18h, na praça central do Bairro. Mas o que tem ocorrido é que alguns moradores ficam na praça, conversando e tocando música independentemente, em roda, até após o término da Feira. No dia 9 de agosto, as pessoas continuaram na praça até aproximadamente as 21h. Isso mostra que a praça se tornou um ponto de convivência entre os moradores, com um novo significado intrínseco. É como Itani (2003) afirma, o espaço conquistou o domínio público. Enquanto em dias normais de trabalho a praça é pouco movimentada, em dias de feira e demais festas do Bairro, a percepção do tempo e utilização do espaço muda e ela fica ocupada inclusive em horários que não são usuais nos dias de semana.



Apresentação da Quadrilha de Bonecões da Mantiqueira, na Feira do dia 05/07/15

As organizadoras, com exceção de Juliane, são de outras cidades. Vanessa é de São Bernardo do Campo e mora há 7 anos no Bairro, Adriana é de São José dos Campos e mora há mais de 20 anos no local e Lelis é da cidade de São Paulo.

Após a realização do bazar de Natal de 2012, Adriana coordenou a organização das demais Feiras no bairro. Segundo ela, a vontade surgiu, devido a um movimento que já existia no bairro, com músicos e artistas independentes que se apresentavam informalmente e se reuniam nas casas uns dos outros e no restaurante Beira do Riacho, que fica em um dos trechos de estrada de terra do bairro. Adriana quis ocupar a praça central do bairro com Feira para evidenciar o trabalho destes músicos e artistas. “Há três bares na praça, as pessoas ficam apenas bebendo e as crianças ficam no meio disso. Quisemos ocupá-la com música e com o que temos de bom”, disse Adriana⁴.

Itani (2003) diz que a festa emerge como necessidade e se realiza, a cada momento, com funções específicas; por isso, estão sempre em transformação. Isto se aplica à Feira do Balacobaco por ser uma manifestação recente, que está em processo de legitimação pelos moradores e participantes. “O rito é ordem prescrita, mas é também produção e transformação e, por conseguinte, um resultado de uma criação coletiva do homem a cada momento” (Idem, p. 14).

⁴ Entrevista concedida por Adriana Mudat, uma das organizadoras da Feira do Balacobaco, no dia 02/08/2015.

O Bairro sempre foi marcado por festas religiosas, devido ao seu histórico. A Feira é o primeiro evento contínuo sem caráter religioso e organizado pelos próprios moradores do local. Assim, as festas populares podem ser consideradas um instrumento “portador de ações concretas na construção da cidadania e no fortalecimento de laços sociais e identitários” (FERREIRA, 2006).

Alguns moradores mais antigos do bairro, em sua maioria que nasceu e vive lá até hoje, são contra a realização do evento. Uma das moradoras entrevistadas que nasceu e mora no Bairro com sua mãe disse não gostar da feira e nomeia como “hippies” os organizadores e participantes do evento, por serem pessoas de fora da cidade, segundo a entrevistada. Ela mora na rua de trás da praça central do bairro e disse que nunca foi à Feira do Balacobaco. Por ela, o evento não aconteceria, disse que atrapalha o trânsito (somente uma rua, com cerca de 100 metros, fica interditada), faz muito barulho e há pessoas que utilizam maconha no local.

Barbero (2003) descreve a reprovação na ênfase da coerência existente nas práticas populares. No estilo de vida das classes populares há um forte laço com o círculo familiar e permeabilidade com as relações em grupo, como a vizinhança, que traz um moralismo que “mistura o gosto do concreto com um certo cinismo ostentatório, uma religiosidade elementar e um saber viver o dia, que é capacidade de improvisação e sentido do prazer” (p. 119).

O autor ressalta ainda nesse estilo de vida um conformismo que resiste às mudanças. Este conformismo é notado entre alguns moradores mais antigos do Bairro dos Souzas. “(...) há certo grau de fatalismo que se apoia na longa experiência de seu destino socioeconômico, e uma tendência a recluir-se, a encerrar-se no pequeno círculo quando as coisas saem mal” (BARBERO, 2003, p. 120). Ou seja, há resistência quanto à realização do evento, apesar de ser uma iniciativa de moradores.

Hall (2011), apesar de se referir à identidade nacional, explica esse sentimento de regressão como a tentação que as culturas passam algumas vezes a voltar para o passado, restaurar as identidades passadas. Segundo o autor, esse retorno para o passado pode ocultar uma luta para mobilizar as pessoas para que expulsem aqueles que ameaçam sua identidade. Canclini

(1998) diz ainda que o tradicional pode ser o eco do hegemônico ou do lugar que o poder assume as classes subalternas.

Pelos depoimentos, nota-se que é uma minoria de moradores que não aprova a Feira do Balacobaco. O Sr. Boticário tem 91 anos e sempre morou no Bairro dos Souzas. Sua casa fica em frente à praça onde a Feira acontece. Ele disse que gosta do evento, mas que a frequência de participantes é muito baixa. “Eu gosto e participo sempre que dá. Gostaria de ouvir mais viola, como teve no último mês (julho/2015)” (informação verbal)⁵.

A Feira do Balacobaco tem como uma de suas diretrizes a evidência do trabalho dos artesãos locais e de pessoas de outras cidades/regiões, desde que levem produtos com conceito artesanal e de produção independente. Dessa forma, a festa, segundo Ferreira, tem a capacidade de trazer experiências vividas pela população. Para participar, os artesãos devem conversar com uma das organizadoras. Nem todos os artistas e expositores convidados para a Feira são do bairro ou da cidade, este não é um pré-requisito para se apresentar nos eventos. Os artesãos que são de Monteiro Lobato e sempre participam da Feira têm prioridade para participação.

Algumas regras são passadas pela organização do evento aos produtores interessados em vender/expor seus produtos:

- Cada expositor/a é responsável pelos resíduos sólidos produzidos a partir da venda de seus produtos e deve recolher e dispensar em local adequado;
- Todos/as somos responsáveis pelos resíduos sólidos no entorno das barracas e em toda a praça;
- Não é permitido o uso de botijões de gás, considerando a segurança de todos/as no local de Feira e as recomendações do Corpo de bombeiros;
- Serão permitidos na Feira somente produtos artesanais para que preservemos o perfil da Feira e a valorização daqueles/as que o fazem;
- Não será permitido aos expositores/as o uso dos seguintes espaços: frente e laterais do palco, escadas da igreja e bancos.

Além da exposição e venda de produtos artesanais, toda Feira do Balacobaco conta com apresentações de artistas ou grupos de Monteiro

⁵ Entrevista concedida pelo Sr. Boticário, morador do Bairro dos Souzas, no dia 09/08/2015.

Lobato ou outras cidades, em sua maioria, da região, e há atividades para crianças, como contação de histórias e teatro infantil.

Jarbas Noronha, natural de Mogi das Cruzes, mora no bairro dos Souzas há 11 anos. Ele é marceneiro, especialista em fabricar brinquedos, e leciona para escolas da rede pública e particular. O que o atraiu ao bairro, segundo ele, foi o clima de montanha, com temperaturas amenas. Na Feira do dia 9 de agosto de 2015, Jarbas levou uma ferramenta criada por ele para cortar garrafas de vidro e ofereceu o serviço gratuitamente, como uma forma de incentivar a reciclagem do material. O professor disse que para ele a feira não é viável economicamente, mas participa sempre que pode para expor seus brinquedos e interagir com os frequentadores.

A viabilidade econômica foi citada pela maioria dos artesãos entrevistados como baixa, mas o sentimento de realização por poder participar e fazer parte do acontecimento foi um consenso entre todos, como Renata Veloso, que participa desde a segunda Feira do Balacobaco e é de Caçapava. Ela soube da Feira por meio de uma amiga que também participa e disse que muitas vezes não tem um retorno financeiro significativo e que este não é o objetivo dela na feira do Balacobaco em especial. “A energia daqui é muito boa, eu saio renovada, trago também meu filho e ele fica muito à vontade” (informação verbal)⁶.

O casal Maira e Orokezala mora há nove meses no bairro. O que os atraiu foi o Instituto Pandavas - escola de ensino infantil e fundamental localizada no Bairro dos Souzas, mantida por voluntários da cidade e apoiada pela prefeitura municipal -, pois têm um filho pequeno. Vendem roupas e instrumentos musicais feitos por eles. Segundo Orokezala, eles não levam muita mercadoria, pois já sabem que não venderão significativamente. No mesmo dia da entrevista, ambos participaram da roda de jongo que estava acontecendo e ficou claro que se sentem à vontade na Feira, ao se revezarem no local de venda para interagir com os demais moradores e atrações da Feira.

⁶ Entrevista concedida por Renata Veloso, que expõe e vende produtos na Feira do Balacobaco, concedida no dia 09/08/2015.



Contação de histórias para crianças, realizada na Feira do dia 09/08/2015



Roda de Jongo com o grupo Mistura da Raça, realizada no dia 09/08/2015

O Sr. Jerson é diretor da escola estadual de Monteiro Lobato há 15 anos e há 21 está na cidade. É graduado em biologia na USP e o que o levou para lá foi o Instituto Pandavas, onde lecionava. Segundo ele, quem vem de fora é que leva “novidades” e está sempre buscando movimentar o Bairro dos Souzas.

Há uma relação complexa entre a festa e a realidade, conforme Ferreira (2006), na medida em que envolve uma constante dialética entre inversão/reprodução e tradição/ inovação. A primeira relação diz respeito à festa como reprodutora do cotidiano da comunidade por meio da performance ou a inversão da realidade cotidiana por meio do tempo mítico. A segunda relação é visível para os observadores, na medida em que identificam o evento como uma repetição das edições anteriores, porém, com aspectos diferentes.

O segundo aspecto refere-se à evidência dos costumes vivenciados no cotidiano, que são aflorados, mesmo que inconscientemente, no momento da festa. No caso da Feira é notável sua própria dinâmica, desde a organização, realização até o término do evento. Os participantes se sentem à vontade para interagir com os artistas e expositores, formarem rodas de ciranda e convidar aqueles que estão de fora para integrar o momento. Mesmo quando a Feira acaba, muitas pessoas, sobretudo moradores do bairro, continuam na rua e no entorno da praça, formando rodas de música.

A cultura se torna elemento articulador entre os moradores do Bairro. A solidariedade se encontra na organização. Os moradores se mobilizam na montagem do espaço e no que está ao alcance que é solicitado pelas quatro organizadoras.

Ana é proprietária de um dos bares da praça. Nasceu e mora no Bairro dos Souzas. Ela disse que os dias da feira são os que ela tem maior retorno financeiro. Segundo ela, há moradores que não gostam da feira, mas a maioria ajuda e apoia sua realização. Ana ajuda oferecendo refeição aos artistas/bandas convidados, juntamente com o outro estabelecimento da praça.

A divulgação da Feira é limitada e, devido à estrutura e recursos escassos, a intenção no momento não é atrair um grande número de turistas e frequentadores de outras localidades. Os meios de comunicação e divulgação são os impressos distribuídos em pontos estratégicos da cidade de Monteiro Lobato, a rede social Facebook, e verbalmente entre aqueles que frequentam o evento. Ferreira (2006) ressalta que, acima do turismo, a importância do entendimento das festas está como instrumento portador de ações concretas da cidadania e fortalecimento dos laços identitários. A Feira do dia 9 de agosto reuniu mais de 100 pessoas na praça do bairro. Esta foi a maior participação até o momento, segundo Vanessa de Abreu.

A prefeitura municipal de Monteiro Lobato apoia o evento por meio do transporte dos artistas convidados. Não há nenhuma outra forma de financiamento para realização da Feira do Balacobaco, somente o voluntariado dos moradores e eventuais frequentadores. Os artistas convidados que se apresentam e realizam as atividades da feira aceitam participar sem cachê.

Não há um valor fixo estabelecido aos artesãos e expositores da Feira para que possam vender seus produtos, como ocorre no modelo de muitas

festas. Porém, Vanessa informou que algumas vezes já solicitaram contribuição não estabelecida destinada ao Instituto Pandavas. As crianças do Instituto também têm participação ativa na Feira. A maioria das crianças e moradores do bairro estudam ou já estudaram na escola, por isso têm algum vínculo com a feira, seja na organização, venda/exposição dos produtos ou na programação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho confirmou-se a hipótese de que a Feira do Balacobaco realizada no Bairro dos Souzas é um instrumento no qual a comunidade do bairro exerce a cidadania ao ser identificado que os organizadores do evento, sendo moradores do bairro, exercem seus direitos de ocupação do espaço, expressão cultural e mobilização da comunidade para que também exerça estes direitos, multiplicando o efeito da festa.

É importante ressaltar que a Feira acontece há pouco tempo e ainda está estabelecendo processos concretos para sua realização. No entanto, a mobilização dos organizadores e a rápida resposta da comunidade que se prontifica a auxiliar na organização e participa de suas atividades mostra que a necessidade percebida pelas idealizadoras é compartilhada pela comunidade.

A praça central do bairro ganhou novo significado, mudando a percepção do cotidiano dos moradores do bairro. Sua ocupação agora tem periodicidade mensal. Eles se apropriaram do espaço de tal maneira que, mesmo após a Feira do Balacobaco, permanecem no local, em rodas de música e conversa.

Também foi identificada a ação solidária que está acontecendo no bairro para a realização da festa. Como não há mecanismos de financiamento advindos do poder público, nem da iniciativa privada, a comunidade e os artistas convidados são voluntários em todos os processos de produção do evento. Esta é mais uma comprovação do caráter de cidadania da Feira, uma vez que não tem fins lucrativos e o que a movimenta é o desejo de manter a conquista do espaço e de promover atividades gratuitas para a comunidade.

Ao longo da pesquisa foram identificados moradores que não aprovam sua realização. Durante as entrevistas não houve argumentos consistentes,

que pudessem contrariar o caráter construtivo da Feira do Balacobaco. Como foi comprovado pelos autores no capítulo 4, o conformismo e o tradicional podem ser o eco hegemônico, o lugar em que o poder assume as classes subalternas (Canclini).

Em suma, este trabalho comprova a atuação de intelectuais orgânicos na realização da Feira do Balacobaco e que esta manifestação cultural caracterizada como uma festa popular garante aos cidadãos do Bairro dos Souzas o direito de exercer um papel responsável junto a outros munícipes e a um local público, agregando repertório em suas vivências.

REFERÊNCIAS

BARBERO, J. M. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

BERBEL, N. A. N. **O exercício da práxis por meio da metodologia da problematização:** uma contribuição para a formação de profissionais da educação. Publicação eletrônica. Acesso em 27 de set de 2015. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2006/anaisEvento/docs/PA-323-TC.pdf>

BEZERRA, A. C. A. **Festa e cidade: entrelaçamentos e proximidades.** Espaço e Cultura. UERJ, RJ, n. 23, p. 7-18, jan./jun. de 2008.

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTEIRO LOBATO.
<http://www.camaramonteirolobato.sp.gov.br/>. Acesso em 12 de setembro de 2015.

CANCLINI, N. G; RONCAGLIOLO, R. (Orgs). **Cultura transnacional y culturas populares.** Lima: IPAL, 1988.

FERREIRA, M. N. **Comunicação, resistência e cidadania: as festas populares.** 2006. In: FERREIRA, M. N. Festas populares, resistência e cidadania. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

_____. **As festas populares na expansão do turismo:** a experiência italiana. São Paulo: Arte & Ciência, 2005.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

ITANI, A. **Festas e calendários.** São Paulo: Editora UNESP, 2003.

SCHLESENER, A. H. **Hegemonia e cultura: Gramsci.** 3 ed. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

SEMERARO, G. **Intelectuais “orgânicos” em tempos de pós-modernidade.**
Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 70, p. 373-391, set./dez. 2006.